

Nikos Kazantzaki

MAXIMIANO CAMPOS

Liberdade ou Morte, o romance épico de Kazantzaki, tem uma estranha fôrça. Certa vez, falando dos romances de Faulkner, Sartre disse que, “com o tempo, os bons romances chegam a ficar parecidos com os fenômenos naturais; esquece-se que êles têm um autor, sendo aceitos como se fôssem pedras ou árvores, apenas porque existem. *Luz de Agôsto* é um desses romances herméticos, um mineral”.

Com aquêlo romance de Kazantzaki, ocorre um fenômeno parecido. É como se estivéssemos diante de um grande animal vivo, um estranho ser que saísse do meio das pedras e ruínas de Creta. O escritor usa as palavras como os seus antepassados usavam os seus punhais de prata, e, das páginas cheias de sangue, heroísmo e luta, faz surgir o seu povo e a sua terra. O romance chega a ser impiedoso, ao devassar a ternura e a hediondez humanas. É que Kazantzaki não brincava com as palavras, nem foi apenas um inventor de estórias: “Eu via e sabia que a mesma luta eterna, que se desencadeara a meus olhos quando era criança, continuava a desencadear-se sem interrupção tanto em mim como no mundo, e essa luta era o tema inesgotável da minha vida. Por isso, os dois lutadores são sempre os únicos protagonistas em tôda a minha obra, e, se eu escrevia, era porque, só com os meus escritos, podia ajudá-los em sua luta. Incessantemente lutavam na minha Creta e na Turquia, o Bem e o Mal, a Luz e as Trevas, e, ao escrever, minha finalidade era, a princípio inconscientemente, depois com plena consciência, ajudar no que de mim dependia para que vencessem, em Creta, o Bem, a Luz. Minha meta quando escrevo não é a beleza, é a redenção”.

A ilha de Creta é o palco onde se passa a ação de *Liberdade ou Morte*, que é a epopéia da luta entre gregos e turcos, cristãos e muçulmanos.

A mesma atração que Kazantzaki sente pelos temas heróicos, vamos encontrar em Hemingway, seu contemporâneo. Ambos transformaram à sua maneira, o infortúnio e o sofrimento do homem, numa maneira heróica de lutar contra a adversidade. Hemingway, sem esconder certa irritação, chegou a aconselhar Scott Fitzgerald a não se queixar nem gemer diante das dificuldades pessoais diante da vida. Disse o autor de *O Sol Também se Levanta*: “O fato de um livro ser trágico não me fazia infeliz, já que eu acreditava que a vida era uma tragédia e sabia que apenas podia ter um fim”. Os seus personagens estão sempre combatendo, ferindo e sendo feridos, como se fôsse esse o destino do Homem. Kazantzaki e Hemingway conseguiram fixar nos seus romances uma soma de comportamentos, tanto na luta quanto no amor, que não têm idade, pois são comuns ao Homem em todos os tempos e lugares, seja um Santiago, ou um Zorba. Tanto o romancista grego como o norteamericano, sabiam que existe um heroísmo do espírito, e que esse é o mais difícil de ser atingido. Hemingway sempre coloca os seus personagens diante da morte violenta, lutando com ela, a morte, como se fôsse possível vencê-la com a bravura, torná-la vulnerável tanto quanto os homens que indiscriminadamente ela abate. São suas estas palavras: “Um homem pode ser destruído mas não derrotado...” Mais ou menos isso, Kazantzaki pretendeu também dizer: “Bem sei que não se triunfa da morte. Porém o que faz a dignidade do homem não é a vitória, é a luta pela vitória. E sei também isso, que é mais difícil: nem sequer é a luta pela vitória. Uma só coisa constitui a dignidade do homem: viver valentemente, sem aceitar recompensa, e finalmente isso, êste terceiro preceito, bem mais difícil: que a certeza de não receber recompensa, em lugar de cortar-nos os braços e as pernas, deve encher-nos de altivez e valor”. Apesar destas palavras de Kazantzaki se aproximarem do espírito do Quixote, não existe nos seus personagens nem nos de Hemingway, aquela bravura do cavaleiro andante que, na sua loucura e sonho incorruptível, se julgava invulnerável aos perigos. André Mal-

raux disse que o que há de mais trágico na morte é que ela transforma a vida em destino. Há nos autores de *Adeus às Armas* e *Liberdade ou Morte*, a tentativa de encarar a morte de frente, combatê-la para que não haja uma rendição, apenas uma mansa rendição. Kazantzaki, evidentemente, sabia que o nosso tempo não comportava fraquezas: “Cada época tem o seu próprio rôsto; o rôsto da nossa época é feroz, as almas frágeis não se atrevem a olhá-lo de frente”. Um personagem de Hemingway utiliza-se das palavras de Shakespeare para dizer: “Não se morre senão uma vez; devemos uma morte a Deus e, seja que por lado fôr, o que morrer êste ano estará quites para o seguinte”. Os personagens de Hemingway parecem não temer esta dívida, colocam-se nas arenas sangrentas, diante dos leões nos campos da África, nas trincheiras da guerra. O romancista norteamericano sempre foi atraído pelas touradas: “A tourada não é um esporte. Nunca se imaginou que fôsse. É uma tragédia... interpretada em três atos bem definidos... Simboliza a luta eterna entre o homem e as feras, a inteligência e o instinto”. Esta tragédia à qual Hemingway se refere, era entendida pelos gregos como a luta do Homem com a Divindade. É talvez por isso que Kazantzaki fale assim do velho jôgo cretense entre o homem e o touro: “Eu contemplava as corridas de touros pintadas nos muros, a graça e a flexibilidade da mulher, a força infalível do homem, com que olhar intrépido enfrentava o touro embravecido e se mediam com êle. Não o matavam por amor, como se fazia nas religiões orientais, para misturar-se com êle, nem porque o terror se apoderava dêles e não toleravam sua visão; mediam-se com êle com respeito, com tenacidade, sem ódio. Talvez com reconhecimento, pois esta luta sagrada com o touro aguçava as forças do cretense, cultivava a sua flexibilidade e a graça do seu corpo, a precisão ardente e lúcida dos seus gestos, a obediência à vontade e a bravura, tão difícil de adquirir, que é necessária para afrontar, sem espantar-se, o poder espantoso da fera. Assim foi como os cretenses superaram o terror e o converteram num jôgo sublime, onde a virtude do homem, em contato com a onipotência absurda, se fazia ver e triunfava. Triunfava sem aniquilar o touro porque não considerava um inimigo e sim um colaborador; sem êle o corpo não seria tão ágil, tão poderoso, nem a alma tão

valente... Assim, era, pensava eu contemplando, pintada nos muros, a luta secular do homem e do Touro — que hoje chamamos Deus, — assim era a visão cretense”. Na *Carta a El Greco*, que julgou ser a sua prestação de contas, pergunta: “Triunfei? Estou vencido? Só sei uma coisa: estou coberto de feridas, tôdas recebidas de frente”. Hemingway e Kazantzaki talvez quisessem valorizar a morte diante dos olhos de Deus, transformando as feras em um dos instrumentos da morte, e assim podendo ter a chance de se baterem melhor com ela. Esta mesma luta e o seu simbolismo, D. H. Lawrence vê entre o capitão Acab e Moby Dick. Leon Howard escrevendo sobre o romance de Melville, diz que Acab, ao lançar-se contra o seu símbolo visível (a baleia) desafiara a malignidade intangível do universo. E acrescenta que Acab sendo um mutilado, um frustrado, prisioneiro de circunstâncias, a baleia passou a representar para êle a parede de sua prisão, a “máscara ilógica” do destino. “Às vêzes, êle pensava que nada havia além. Mas sentia uma invencível compulsão de golpear através da máscara”. Aliás, essa luta do Homem com o peixe, — com a Fera do Mar — que simboliza a desordem do mundo que o homem desafia e tenta dominar — é também assunto de *O Velho e o Mar*, de Hemingway.

Evidentemente, há muitos pontos em que Kazantzaki e Hemingway se distanciam, diferem como criadores. Isto, não apenas pelo estilo, mas também por existir no autor grego uma fôrça maior na tentativa de buscar nos seus livros a redenção. Escrever, para Hemingway, talvez fôsse um desafio, uma competição em que estivesse envolvido. Para Kazantzaki, parecia mais uma missão, um caminho que encontrara para expulsar os seus demônios interiores. Hemingway e Kazantzaki tinham verdadeira admiração pela luta. Mas enquanto o primeiro se preocupava mais com o comportamento do indivíduo, o outro buscava a ligação, o elo do comportamento individual com toda a humanidade, através de uma fé ou filosofia. Hemingway, mais cético, talvez achasse que a luta do homem se decide aqui mesmo, através das feras e das danções que lhe estavam mais próximas. Kazantzaki acreditava noutras danções. A morte, para um, parecia ser o fim de tudo, enquanto para o outro era

apenas mais uma prova. Enquanto Hemingway abreviou os seus dias, velho caçador que se fêz caça de si mesmo, Kazantzaki, no fim da vida, pedia a Deus mais alguns anos para continuar escrevendo. Kazantzaki tinha, sem dúvida, um espírito mais místico. Há na sua obra aquela profecia, a que se refere E. M. Forster como uma das características de certas obras de ficção e que diferencia, nestes casos, os escritores em profetas e pregadores. Diz Forster: “A profecia — no nosso sentido: é um tom de voz. Nêle pode estar implícita qualquer fé das que têm obcecado a humanidade-cristianismo, budismo, dualismo, satanismo, ou a mera elevação do amor ou ódio humanos a uma potência tal que seus receptáculos normais não podem contê-los”.

Depois de fazer a comparação entre dois escritores, George Eliot e Dostoievski, afirma que, enquanto o primeiro era um pregador, o segundo era um profeta. Diz Forster que quando George Eliot fala de Deus, nunca altera o seu foco: Deus, mesas e cadeiras, encontram-se no mesmo plano. Enquanto que em Dostoievski os personagens e as ações sempre representam mais do que elas próprias: “o infinito as acompanha; embora permaneçam indivíduos, expandem-se para abraçá-lo e invocam-no para que êle as abraçe; poder-se-ia aplicar-lhes o dito de Santa Catarina de Siena de que Deus está na alma e que a alma está em Deus, como o mar está no peixe e o peixe está no mar”.

Sob êste aspecto, o autor do *Cristo Recrucificado* tem fortes vínculos com Dostoievski. O sentido da salvação ou punição transcendental, a tentativa do mergulho mais profundo na alma humana, estão presentes na sua obra. Confessou a forte admiração que teve na sua mocidade por Nietzsche. Admiração que se estendeu, talvez contraditòriamente a Ulisses, Lênine, Cristo e Buda. Mas essa admiração era principalmente pelo Homem, a quem não distinguia do Cristo. E aqui poderíamos nos servir das palavras de Santa Catarina, citadas por Forster dizendo que Kazantzaki devia achar que Cristo está no Homem, como o Homem está em Cristo, e Homem aqui tem o sentido genérico, quer dizer o humano, a humanidade.

Kazantzaki usava as palavras à semelhança de um mágico para fazer o tempo voltar, estancar ou se colocar adiante do momento vivido, na tentativa desesperada de compreender melhor o mundo e as pessoas: “Eu sabia desde há anos que para mim só havia um meio de recuperar minha liberdade: enfeitiçar êsse sofrimento ou esta alegria com o sortilégio mágico do verbo... A flauta da arte é semelhante à do feiticeiro”. Estas suas palavras estão na *Carta a El Greco*, onde êle conta que durante tôda a sua vida tentou conservar a visão mágica do menino que fôra em Creta. A visão que conservava do canário da terra cantando em cima do mapa-mundi, a lembrança do pai, rude, casmurro e bravo guerreiro, a ternura da sua mãe e as visitas do velho avô. Dêste mesmo avô que pediu na hora da morte que o colocassem para o lado em que o sol morria tôdas as tardes. E é com essa mesma visão mágica que constrói *Liberdade ou Morte*. O seu pai é o mesmo Capitão Micael, o Javardo, que morre lutando nas montanhas, preferindo a morte à humilhação de se render ao inimigo, continuar vendo o seu povo dominado.

O próprio Kazantzaki já nos disse quais eram suas ferramentas: a vista, o ouvido, o gôsto, o olfato, o tato e a mente. Desculpava-se dizendo que ia recolher os seus instrumentos de trabalho: — “não é que eu esteja cansado de trabalhar, não o estou, mas já se põe o sol...” Pressentia a morte próxima, aquela morte que tantas vêzes retratou nos seus livros. E é bem possível, que no derradeiro momento tenha voltado o olhar na direção de Creta, aquêle olhar do seu personagem dos *Irmãos Inimigos*, Padre Yannaros: “percorrendo de nôvo o olhar pelas vertentes, montanha por montanha, como se acariciasse o dorso da Grécia com ternura, amor e orgulho. E a pátria, tôda arrepiada de contentamento, parecia renascer sob os caminhos dos seus olhos de amante”.

O romancista grego fala dos seus pais: “A presença dos meus pais se manifesta de modo evidente nas minhas mãos. Minha mão direita é forte, integralmente viril; a minha mão esquerda tem uma sensibilidade excessiva, doentia. Quando recordo o seio de uma mulher a quem amei, sinto na palma da minha mão esquerda um ligeiro formigamento, uma leve dor.

Quando estou só e contemplo um pássaro que vôa ao vento, sinto na minha mão esquerda o calor do seu ventre. Nas minhas mãos, só nas minhas mãos é onde os meus pais tomaram posse em separado e isoladamente, meu pai da minha mão direita, minha mãe da esquerda”. Parece-nos que Kazantzaki usou as duas mãos para escrever *Liberdade ou Morte*. Com a mão direita criou os capitães Sifakas, Micael, Manassudas, Polinxinguis, Elias, Manakas, O Nuri Bei. Com a mão esquerda: Catarina, Noêmia, Emínia e a bela cena da casa do judeu. Aquela solidão terrível da casa do rabino onde a fé resistia à nostálgica ausência da mulher, dos filhos, e do canário da terra que o gato matara. Principalmente o arrependimento de Trassakis, e a frase do velho quando lhe entrega a rosa. Não sabemos com qual das mãos criou o escritor as figuras de Efendinho, que escutava à noite o galope do cavalo de São Minas correndo nas ruas da cidade que dormia. Não sabemos também com qual das mãos criou a figura de Barbanianis, o louco que dizia verdades terríveis. Sabemos, entretanto, que Kosmas, quando morre ao lado do tio, num gesto de solidária bravura, era Kazantzaki deixando preponderar a mão direita sôbre a esquerda. Era como se êle, o próprio Kazantzaki, o mágico, o grego, subisse ao monte para dizer: — Estou aqui, Creta, nestas páginas e nesta estória, porque há estórias que não se contam apenas com a invenção. Esta contei com a minha infância, com as pedras, ruínas, misérias e desgarradas ternuras da minha gente. E à semelhança do Cristo a quem tanto admirava, deve ter sentido a crucificação, a crucificação do seu recordar, da angústia e do orgulho de ser cretense. Isso, para ressuscitar, e voltar a contar, depois de havê-las encontrado, a beleza que não procurava e a redenção que tanto buscou, escrevendo *Liberdade ou Morte*.